

os gêneros e faixas etárias, em especial para as crianças de 1 a 4 anos e para os adultos entre 20 e 29 anos, por serem esses os grupos mais acometidos e para os menores de 1 ano, por terem a maior taxa de incidência.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2020.101201>

EP-124

RABDOMIÓLISE MACIÇA ASSOCIADA A MIOSITE POR DENGUE



Alexandre Mestre Tejo, Nicolas Basana Dias,
Walton Luiz Del Tedesco Jr

Universidade Estadual de Londrina (UEL),
Londrina, PR, Brasil

Introdução: O vírus da dengue é um dos patógenos mais bem sucedidos na história, tendo aumentado sua incidência em 400% em 13 anos, com mais de 3 bilhões de pessoas vivendo em áreas endêmicas e cerca de 400 milhões de infecções por ano. Neste ano, o Brasil sofreu uma nova hiperendemia de dengue, com 924 mil casos notificados até 22/08/20 (439 casos/100 mil hab), sendo o Paraná o primeiro colocado em casos no país, com 262 mil casos (2.295 casos/100 mil hab).

Objetivo: Relatar o caso de um paciente com infecção pelo vírus da dengue, evoluindo com quadro de miosite intensa e rabdomiólise maciça

Metodologia: GF 21 anos, masculino, iniciou quadro de febre, mialgia, dor retroorbitária, artralgia e dor lombar. No terceiro dia, após remissão da febre, apresentou epistaxe, urina escurecida, mialgia intensa e dificuldade para deambular. Em hospital de referência, deu entrada com CPK = 654.000U/L, plaquetas = 44.000/uL e teste para dengue positivo (NS1, IgM e IgG). Iniciada hidratação vigorosa e diuréticos, com meta de diurese em 100 mL/kg/dia, evoluiu com queda gradual do nível de CPK e aumento da plaqueta, associado a melhora da mialgia e retorno da força muscular após exercícios fisioterápicos. Não apresentou alteração da função renal. Recebeu alta após 10 dias de internação para acompanhamento ambulatorial, apresentando perda total de 10 kg durante o período

Discussão/Conclusão: A dengue apresenta diversas complicações, como hepatite, pancreatite, encefalite, mielite transversa e síndrome Guillian-Barré. Casos de miosite com ou sem rabdomiólise são descritos, porém sua incidência é rara (<1% dos casos). Os mecanismos permanecem pouco compreendidos, porém estudos demonstram possível correlação com a liberação de citocinas inflamatórias, particularmente Fator de Necrose Tumoral Alfa, levando a lesão mesmo após a fase virêmica. Em série de casos do Egito com 7 pacientes, a miosite foi fulminante em 3 pacientes, com perda de força respiratória e necessidade de suporte ventilatório, com 2 óbitos. Entre estes casos, o maior valor de CPK foi de 117 mil U/L, seis vezes menor que em nosso paciente. A maioria dos relatos existentes demonstram comprometimento da função renal devido a rabdomiólise, com casos necessitando de hemodiálise, fato que não ocorreu em nosso paciente, devido a manutenção da filtração glomerular em taxas elevadas. Entretanto, pouco ainda se sabe sobre essa complicação da dengue e sua real importância no curso da dengue grave.

Novos estudos devem ser realizados para compreender melhor seu impacto e mecanismos fisiopatológicos.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2020.101202>

EP-125

SÍFILIS CONGÊNITA NO BRASIL: PANORAMA DOS ÚLTIMOS E DOS PRÓXIMOS DEZ ANOS



Ivan Cerqueira Serra, Lara Lorryne Freitas
Gomes, Katia de Miranda Avena

Centro Universitário UniFTC, Salvador, BA, Brasil

Introdução: A sífilis é uma infecção reemergente e sua erradicação é uma prioridade global estabelecida pela Organização Mundial de Saúde, Organização Pan-Americana da Saúde e Ministério da Saúde. Apesar disso, ainda é registrada uma elevada incidência de gestantes com sífilis, muitas vezes resultando em desfechos como abortos, óbitos neonatais, prematuridade, baixo peso ao nascer e recém-nascidos (RNs) infectados.

Objetivo: Analisar o perfil epidemiológico da Sífilis Congênita (SC) no Brasil, de 2008 a 2018, estabelecendo a projeção para os próximos dez anos.

Metodologia: Estudo ecológico, realizado com dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN/DATASUS). As variáveis maternas analisadas foram escolaridade, realização de pré-natal, momento do diagnóstico de sífilis e tratamento do parceiro. Já as variáveis fetais foram evolução e classificação final. Dispensou-se apreciação pelo Comitê de Ética em Pesquisa por terem sido utilizados dados públicos, sem identificação dos participantes.

Resultados: De 2008 a 2018 foram registrados 164.330 casos de SC no Brasil, com maior incidência nas regiões Sudeste (42,9%, n = 70.477) e Nordeste (30,5%, n = 50.138). Observou-se que, dentre esses casos, houve maior incidência entre mulheres com escolaridade de 5^a a 8^a série incompleta (24,2%, n = 39.749), que realizaram pré-natal (78,6%, n = 129.298), tendo o diagnóstico sido feito durante as consultas de pré-natal (51,4%, n = 84.659). Ao relacionar o diagnóstico de SC com o tratamento dos parceiros, evidenciou-se que 60,2% dos parceiros (n = 99.064) não foram tratados para sífilis. Com relação às variáveis fetais, verificou-se que 1,9% das gestações (n = 2.853) evoluíram para óbito neonatal por SC e 90% dos RNs (n = 148.062) foram diagnosticados com SC recente. A projeção nacional para os próximos dez anos evidenciou $R^2 = 0,99$, sugerindo aumento exponencial dos casos de SC até 2028.

Discussão/Conclusão: O cenário epidemiológico observado nos últimos dez anos aponta para maior incidência de SC entre RNs de mulheres com baixa escolaridade. Apesar do diagnóstico materno ter sido feito durante as consultas de pré-natal, a maioria desses RNs foi diagnosticada com SC recente, o que pode ser resultado do tratamento inadequado da mulher e de seu parceiro. Mesmo sendo uma doença prevenível, estimativas futuras sugerem que a sífilis persistirá como um problema de saúde pública, fato que pode ser reflexo de baixos investimentos na atenção primária à saúde e de deficiências na assistência pré-natal.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2020.101203>